

In memoriam
João Carlos de Senna-Martinez



DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO E TURISMO

Carlos Fabião, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, Fábio Parracho Silva, António Carlos Valera

In memoriam
João Carlos de Senna-Martinez

DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO E TURISMO

Carlos Fabião, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, Fábio Parracho Silva, António Carlos Valera

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves (1985)

25.

FABIÃO, C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. DE; SILVA, F. P.; VALERA, A. C. (Eds.) (2024) – *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular Arqueologia, Património e Turismo*. estudos & memórias 25. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 272 p.

Edição: Uniarq/FLUL

Capa: João Carlos de Senna-Martinez, Lapa do Lobo, 2019. Foto: Sérgio Espírito Santo (CM Nelas)

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-35113-3-6 / Depósito Legal: 542416/25
DOI: <http://doi.org/10.51427/10400.5/95883>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

ÍNDICE

- 5 **PREFÁCIO**
- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 9 **COMISSÕES**
- 11 **AS MANIFESTAÇÕES TUMULARES PRÉ E PROTO-HISTÓRICAS DA REGIÃO DE LAFÕES À LUZ DA TESE DE JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ**
António Faustino Carvalho
- 31 **ORCA DE FORLES (SÁTÃO, VISEU). RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E DE RESTAURO DESENVOLVIDOS EM 2020/2021**
Pedro Sobral de Carvalho, António Faustino Carvalho, Vera Caetano, Lara Alves
- 65 **REMOBILIZAÇÕES, MANIPULAÇÕES E REORIENTAÇÕES NO MEGALITISMO DA PLATAFORMA DO MÉDIO MONDEGO**
José Manuel Quintã Ventura
- 87 **O SÍTIO DE SÃO MAMEDE (BOMBARRAL) NAS REDES DE CIRCULAÇÃO DE SÍLEX DO 3º MILÉNIO A.N.E. NA FACHADA ATLÂNTICA DA ESTREMADURA**
Patrícia Jordão
- 109 **CONEXÕES SETENTRIONAIS. A CIRCULAÇÃO DE CERÂMICAS DECORADAS COM “PASTILHAS REPUXADA” VISTA A PARTIR DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)**
António Carlos Valera
- 125 **OS DEPÓSITOS DE CERÂMICA NO EXTERIOR DO MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS (SINTRA)**
Catarina Costeira, Eduardo Porfírio
- 157 **PASSADO, PRESENTE E FUTURO DO MEGALITISMO NO BAIXO ALENTEJO: OS MUNICÍPIOS DE VIDIGUEIRA, CUBA, ALVITO, MOURA E SERPA (DISTRITO DE BEJA)**
Nelson J. Almeida, Miguel Serra, João Reis, Luís Costa, João Barreira
- 175 **MULHERES E MEGÁLITOS – O FEMININO NAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO 4º E 3º MILÉNIOS AC, NO OCIDENTE PENINSULAR**
Mariana Diniz
- 197 **AS PLACAS DE GRÉS/ARENITO E MICAXISTO NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL E NA EXTREMADURA ESPANHOLA: INVENTÁRIO PRELIMINAR, INTERPRETAÇÕES E PROBLEMÁTICAS**
Nuno Faria
- 245 **MONUMENTO DA VÍBORA (CARREGAL DO SAL, VISEU): ESTADO DA INVESTIGAÇÃO**
Telma Ribeiro
- 261 **APRESENTAÇÃO DA OBRA “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS”**
Evaristo Pinto, Luís Laceiras



PREFÁCIO

É com enorme orgulho e satisfação que a Fundação Lapa do Lobo acolhe a segunda edição do Congresso De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular, desta vez in memoriam a João Carlos de Senna-Martinez.

A investigação arqueológica que desde há muitos anos tem vindo a ser desenvolvida nesta região teve como grande impulsionador o Professor João Carlos de Senna-Martinez o qual dedicou uma grande parte da sua vida profissional às questões do Megalitismo nas terras da Beira e da Bacia do Médio e Alto Mondego.

Como ele próprio referiu na apresentação do livro das atas da primeira edição deste Congresso, “O megalitismo como fenómeno amplo do espaço europeu encontra neste território da Beira Alta um dos núcleos mais pujantes e com uma mais longa história de investigação.” Com efeito, são inúmeros os testemunhos presentes na região, muito particularmente nos concelhos do Carregal do Sal e de Nelas, que fruto do seu entusiasmo contagiante, foram sendo descobertos e estudados aos longo dos anos. Parte deles já se encontra musealizada e disponibilizada em roteiros ou espaços expositivos facilmente visitáveis, o que para além de contribuir para a sua preservação representa um potencial cultural e turístico de desenvolvimento. Relativamente aos outros, esperamos que o empenhamento das diversas entidades envolvidas com responsabilidades nesta matéria permita a sua rápida concretização. A Fundação acompanhou de perto as campanhas de escavações arqueológicas no sítio da Orca da Lapa do Lobo, na freguesia na Lapa do Lobo, coordenadas pelo Professor Senna-Martinez, cujos primeiros resultados (2015-2018) foram apresentados em 2018, na primeira edição deste Congresso internacional, que aqui decorreu. Foi para nós uma enorme honra e prazer ter tido a oportunidade de colaborar com tamanho vulto da Arqueologia – um homem de ciência e um homem de consensos, com quem muito aprendemos e cuja memória persistirá entre nós.

Agora, mais uma vez se reúne sob o nosso teto um número significativo de especialistas, para apresentar os seus mais recentes trabalhos de investigação, reflexo da vontade e do trabalho conjunto dos colegas e colaboradores do Professor João Carlos de Senna-Martinez, representados no Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa - UNIARQ, com as mesmas entidades cujo entendimento para estas questões na região ele tanto patrocinou e que tão prontamente voltaram a apoiar este evento, designadamente as Câmara Municipais de Carregal do Sal e de Nelas, Juntas de Freguesia e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim.

Esta segunda edição do Congresso e a publicação das respetivas atas são, assim, bem a prova do seu legado e de que a investigação arqueológica continua e continuará a ser algo de muito importante na busca da identidade dos povos e das regiões e na compreensão da nossa história.

Cumpre-nos a todos continuar os seus trabalhos com o mesmo entusiasmo e persistência e ajudar a concretizar os seus sonhos. Será esta a melhor homenagem que lhe poderemos fazer!

A Fundação Lapa do Lobo orgulha-se de colaborar nestes projetos.

Maria do Carmo Batalha
Vice-Presidente da Fundação Lapa do Lobo
Lapa do Lobo, 14 de dezembro de 2024



APRESENTAÇÃO

Realiza-se agora a segunda edição do congresso De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular que retoma, em 2024, o propósito que animou em 2018, João Carlos Senna-Martinez, interessado em promover um evento que reunisse nos que tinham sido os seus territórios de trabalho – as terras da Beira e da bacia do Médio e Alto Mondego – e em torno de um dos tópicos nucleares da sua carreira de investigação – o Megalitismo – investigadores vindos de diferentes áreas, de diferentes gerações e com distintas perspectiva de análise sobre a temática ampla à qual dedicou a sua vida – os trajetos, no tempo longo, das primeiras sociedades agro-pastoris.

Responderam à chamada, cerca de 70 congressistas de diferentes pontos da Península que, beneficiando da insuperável hospitalidade da Fundação Lapa do Lobo e dos concelhos de Nelas e do Carregal do Sal, puderam ao longo de três dias, apresentar e debater o resultado dos seus projetos de investigação. As visitas aos monumentos megalíticos da região e ao Museu José Adelino, em Nelas, permitiram a todos testemunhar, em direto, o resultado de um trabalho continuado num território de imenso potencial arqueológico e de que João Carlos de Senna Martinez e as suas equipas foram desde 1985, peça fundamental para o seu estudo, valorização e divulgação.

Desses dias fica a memória, em todos os que participaram, do envolvimento para além de científico também social, que as equipas de Arqueologia assumem nos lugares com os quais estabelecem relações de longa duração e onde, como no caso do Professor Senna-Martinez, os títulos não são só um proforma, mas traduzem a estima e o respeito que conquistou ao longo de décadas. Ficam também desses dias, as atas logo publicadas, numa edição conjunta promovida pela Fundação Lapa do Lobo /UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP – Universidade do Algarve, e disponíveis em acesso aberto no repositório da Universidade de Lisboa (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/35835>), permitindo a todos aceder, muito para além dos dias do congresso, ao conhecimento que aí foi partilhado.

Agora, nesta segunda edição **De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular**, João Carlos Senna-Martinez não está presente, mas um dos seus mais próximos colaboradores – José Quintã Ventura – assumiu o testemunho e, por isso, aqui estamos reunidos para, e como melhor forma de homenagear os que já partiram, dar continuidade aos projetos que iniciaram.

Que estes dias do congresso, onde se voltam a reunir colegas, amigos, antigos alunos e instituições nucleares na vida de João Carlos Senna-Martinez, como o Centro de Arqueologia –da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – a UNIARQ, sua *alma mater* –, os Senhores Presidentes das Câmaras Municipais de Nelas e de Carregal do Sal, o Presidente da Fundação Lapa do Lobo, o Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e a sua família, constituam pela excelência dos trabalhos aqui apresentados, um sinal claro do legado que nos deixou João Carlos Senna-Martinez, cujo entusiasmo e dedicação às suas Beiras permanece na memória de todos.

Mariana Diniz e António Faustino Carvalho
Lisboa, 29 de Novembro de 2023



COMISSÃO DE HONRA

Dr.^a Maria Adelaide Martinez
Direção da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Presidente da Câmara Municipal de Nelas
Presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal
Presidente da Fundação Lapa do Lobo
Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim

COMISSÃO ORGANIZADORA/ EXECUTIVA

Mestre José Manuel Quintã Ventura (Uniarq/FLUL/NeoMEGA)
Prof.^a. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (U. Algarve)
Doutora Elsa Luis
Sónia Simão (Representante da Fundação Lapa do Lobo)
Representante da Câmara Municipal de Nelas
Representante da Câmara Municipal de Carregal do Sal

Apoio Técnico:

André Afonso Pereira (Uniarq/FLUL)
Ricardo Ribeiro (Fundação Lapa do Lobo)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Doutor Carlos Fabião (Uniarq/FLUL)
Prof.^a. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (U. Algarve)
Prof. Doutor Fábio Parracho Silva (U. Bournemouth)
Doutor António Carlos Valera (Era Arqueologia SA · NIA/ICArEHB)

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DO MEGALITISMO NO BAIXO ALENTEJO: CONTRIBUTOS PARA UMA SÍNTESE DOS CONCELHOS DE VIDIGUEIRA, CUBA, ALVITO, MOURA E SERPA (DISTRITO DE BEJA)

Nelson J. Almeida

CHAIA, Centro de História da Arte e Investigação Artística – IN2PAST, Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território – Departamento de História, Universidade de Évora

UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

nelson.almeida@uevora.pt

Miguel Serra

Câmara Municipal de Serpa / CEAACP, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

mserra@cm-serpa.pt

João Reis

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Luis Costa

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

João Barreira

Museu Rainha Dona Leonor

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

CEAACP, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Resumo: Pela sua antiguidade, frequência e características, o megalitismo alentejano tem sido amplamente discutido na literatura científica e alvo de interesse por especialistas e não-especialistas. Ao mesmo tempo, possui um histórico de destruições, alterações e reutilizações, desde o passado até à atualidade. No Baixo Alentejo, o megalitismo não é tão abundante, com ocasionais trabalhos de investigação e salvaguarda. Partindo das evidências dos concelhos de Alvito, Cuba, Moura, Serpa e Vidigueira, é apresentado um ponto da situação sobre o megalitismo pré-histórico funerário e não funerário. A descrição dos sítios conhecidos e a discussão de situações recentes, levam-nos a olhar para o megalitismo nesta área e para possíveis rumos de valorização, preservação e estudo.

Palavras-chave: Anta; Menir; Megalitismo; Baixo Alentejo; Património.

“A história da terra
o pó que te cobre
o tempo enterra
a gente descobre”

Excerto da moda “Legado da Terra”, Ana Santos

1. INTRODUÇÃO

À semelhança do que sucedeu em outras áreas europeias, o Megalitismo no Sul do actual território português assumiu uma posição de destaque no estudo da Pré-História recente. Vários autores dedicaram-se à origem e desenvolvimento do Megalitismo, associando-o, desde diversas perspectivas, aos processos de desenvolvimento e maturação das primeiras economias de produção e sociedades metalúrgicas do Neolítico e Calcolítico (e.g., Leisner e Leisner, 1956, 1959; Gonçalves, 1992; Oliveira, 1995; Silva e Soares, 2000; Calado, 2004; Rocha, 2005; Andrade, 2009; Scarre e Oosterbeek, 2010; Boaventura, 2011; Boaventura e Mataloto, 2013; Almeida et al., 2018; Andrade et al., 2022). Do ponto de vista cronológico, o Megalitismo parece abranger grande parte destes processos históricos, com autores a atribuir cronologias mais recuadas à componente não-funerária, ainda que geralmente não datada, ocorrendo uma expansão e maior desenvolvimento do megalitismo funerário após meados/segunda metade do 4º milénio a.n.e.

Sínteses recentes que enquadram o Megalitismo a uma maior escala (e.g., Laporte e Bueno 2015; Cerrillo e Bueno, 2019) demonstram a escassez de sítios megalíticos no Baixo Alentejo, face a áreas circundantes do Alentejo Central e Norte Alentejano. Trabalhos focados no território do Sul de Portugal e contando com base cartográfica do projecto MegaGeo (Andrade et al., 2018, p. 357), demonstram a posição periférica que o Megalitismo baixo alentejano possui. Contudo, outras tipologias de contextos funerários enquadráveis na Pré-História recente existem nestas áreas e zonas limítrofes, sobretudo associados ao “mundo em negativo”, com fossas funerárias e hipogeus (e.g., Valera, 2013; Valera e Nunes, 2020) a serem crescentemente registados. O Distrito de Beja, apresenta-se também como uma região onde as tholoi se destacam, sendo um dos maiores conjuntos no Centro e Sul de Portugal (Sousa, 2016), com destaque para o núcleo de Ferreira do Alentejo, devido à proximidade à nossa área de estudo (Valera, 2010; Valera et al., 2013).

Em paralelo, trata-se de uma zona que, como outras do Sul de Portugal, apresenta um franco desenvolvimento de trabalhos de reconversão agrícola, sobretudo desde inícios do século XXI e que deverá continuar nos próximos anos. Mais do que debater o aumento, técnicas utilizadas, seu impacte e sustentabilidade, interessa-nos neste âmbito o resultado desta dinâmica no que corresponde à destruição de património arqueológico das mais variadas tipologias e cronologias.

Numa fase inicial, o objectivo de procedermos a esta síntese decorreu da tentativa de enquadrar os trabalhos recentes realizados na Anta do Zambujal, em Selmes, Vidigueira (Almeida et al., 2022). Porém, verificou-se desde logo que uma tentativa de caracterizar evidências ao nível regional estaria truncada devido à ausência de uma síntese regional actualizada o que, paralelamente, se assume como uma etapa preliminar necessária para outros projectos. Tendo o Megalitismo ganho, recentemente, novo impulso do ponto de vista político e social devido ao Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano, promovido pela Direção Regional de Cultural do Alentejo, pareceu-nos uma excelente oportunidade e enquadramento para o trabalho que aqui se apresenta.

2. ÁREA DE ESTUDO E OBJECTIVOS

No que concerne à área de estudo, escolheu-se a zona de transição da Serra da Adiça – Ficalho, limite Este para a planície que abarca os concelhos de Alvito, Cuba, Moura, Serpa e Vidigueira (**Figura 1**). Seria relevante a adição do concelho de Barrancos, porém, havendo trabalhos de síntese em curso focados no Megalitismo deste concelho, optámos por não o incluir. Outros concelhos, como Beja ou Ferreira do Alentejo, tendo um conjunto de trabalhos mais recentes e, como tal,

apresentando uma informação mais facilmente acessível, não foram por isso mesmo contemplados na presente síntese. Como veremos, desde logo as maiores dificuldades estiveram relacionadas com a ausência de intervenções arqueológicas o que impossibilita uma discussão mais aprofundada das evidências. As características da informação, usualmente escassa, dispersa e nem sempre acessível (e.g., trabalhos inéditos de cartas arqueológicas concelhias) introduzem também certo viés na componente descritiva deste trabalho.

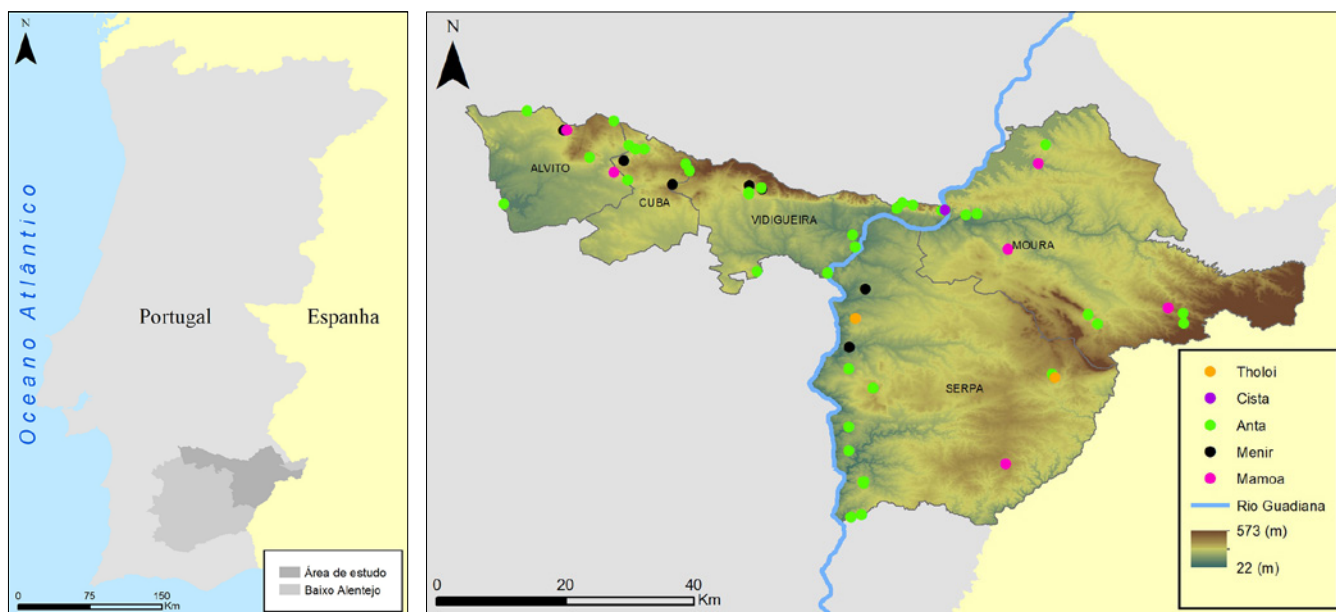


Figura 1 – Localização da área de estudo e sítios considerados consoante a sua tipologia¹.

Tomando em conta aspectos cronológicos e tipos de estudos, podem dividir-se os contributos feitos relativamente ao estudo do Megalitismo nestes concelhos em dois períodos. Um primeiro período, engloba os contributos existentes até meados do século 20 e abarca uma fase “pioneira” anterior à década de 30 e outra de “consolidação” entre os anos 30 a 50, incluindo trabalhos de José Leite de Vasconcelos, José Frago de Lima, Luís de Pina Manique, Abel Viana, Vera e Georg Leisner. No segundo período, desde finais dos anos 60 do século 20, os estudos apresentam i) um carácter mais alargado, ainda que geograficamente restringidos a términos administrativos (e.g., Cartas Arqueológicas, Planos Directores Municipais) ou ii) são direccionados para sítios específicos. Esta fase, que intitulamos de “dispersa”, apresenta contributos de vários autores, incluindo os trabalhos mais antigos de Irisalva Nóbrega Moita, António Monge Soares e José Arnaud, João Sardica e Rui Parreira, José de Frago de Lima, Emília Salvado Borges, António Valério e Susana Correia, até outros mais recentes, como os publicados por Conceição Lopes junto com Pedro Carvalho e Sofia Gomes, ou mais recentemente Luísa Costa e Hugo Palhete, entre outros.

A síntese apresentada decorre de pesquisa bibliográfica, incluindo relatórios de trabalhos arqueológicos entregues à tutela, da consulta da base de dados Endovélico - disponível no Portal do Arqueólogo, mas também de informações inéditas decorrentes dos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano ou outras facultadas por colegas arqueólogos. De salientar que a ausência de dados geográficos em vários sítios levou a que os mesmos não fossem apresentados nos mapas, ainda que mencionados em texto. Em seguida, descrevem-se os dados que foram passíveis de obter por concelho.

¹ As tipologias indicadas no presente texto seguem as designações indicadas no Endovélico, salvo casos nos quais pela descrição ou visitas recentes foi possível identificar especificamente o tipo de sítio.

3. PASSADO E PRESENTE

3.1. Alvito

O concelho de Alvito, com 264,85 km², localiza-se no limite Noroeste do Distrito de Beja, confinando com os municípios de Alcácer do Sal (Distrito de Setúbal), a Oeste, Viana do Alentejo (Distrito de Évora), a Norte, Ferreira do Alentejo, a Oeste e Sul e Cuba, a Este, ambos no Distrito de Beja.

Apenas se conhecem, com segurança, três monumentos megalíticos em Alvito, dois na freguesia de Vila Nova da Baronia e um na freguesia de Alvito, no limite com o concelho de Viana do Alentejo e nenhum foi objeto de estudos ou intervenções arqueológicas (Figura 2). Apesar da parca quantidade de evidências relacionadas com o fenómeno megalítico, os três sítios identificados reportam-se a situações variadas, com a presença de uma mamoa, uma anta e um menir, estando assim representados o megalitismo funerário e não funerário.

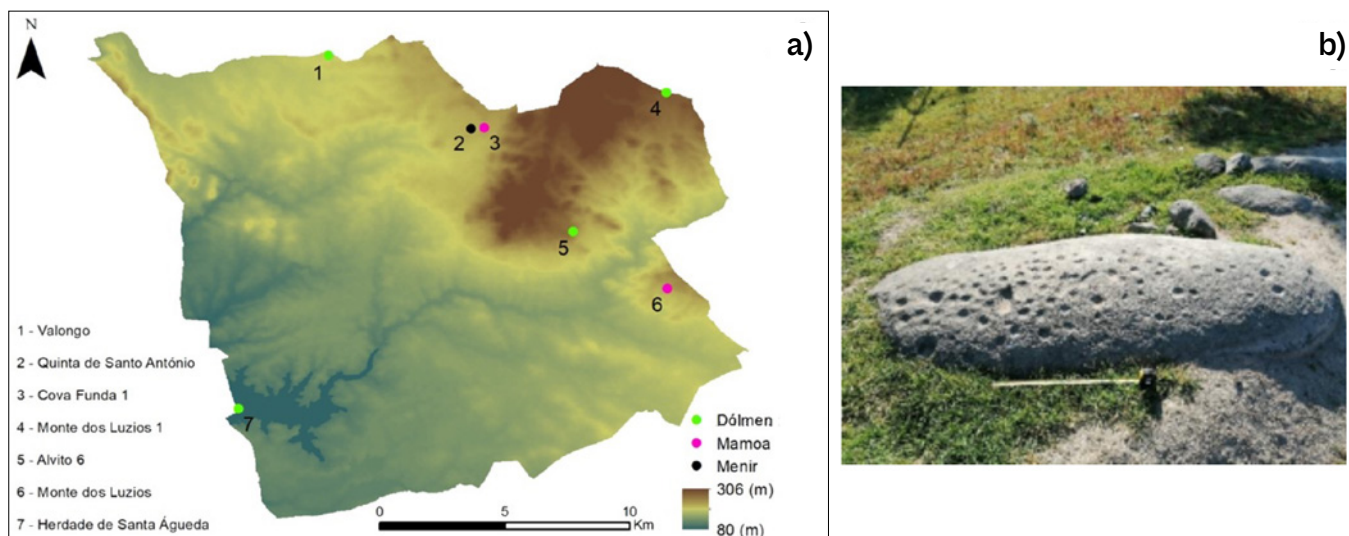


Figura 2 – a) Localização de sítios mencionados em texto por tipologia. b) Menir da Quinta de Santo António (Fotografia: Rafael Lima e João Gomes).

O monumento de Cova Funda 1 (CNS 39020), situado na freguesia de Vila Nova da Baronia, foi identificado no âmbito do levantamento para a Carta Arqueológica de Alvito². Localiza-se numa zona de planície, sendo bem notória uma elevação artificial que poderá corresponder a um monumento megalítico de grandes dimensões.

A Anta do Monte dos Luzios 1 (CNS 23427), situa-se na freguesia de Alvito, no limite com o concelho de Viana do Alentejo e corresponde a um monumento funerário do qual apenas subsistem quatro grandes blocos pétreos tombados e um possível esteio, para além de restos de uma couraça formada por pequenas pedras. Foi identificado no âmbito de prospeções do Estudo de Impacto Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão, do Projeto Alqueva³.

Por fim, o menir da Quinta de Santo António (CNS 39713), na freguesia de Vila Nova da Baronia, foi identificado no decurso de trabalhos de acompanhamento arqueológico do Circuito Hidráulico de Viana do Alentejo e respetivo bloco de rega (Lima e Pereira, 2021). Trata-se de um monólito em granito, com 2,5 metros de altura por 1,1 metros de largura, mas que poderá atingir uma dimensão superior, uma vez que se encontra parcialmente soterrado. Numa das faces apresenta mais de 70 covinhas, não sendo claro se estará deslocado.

Para além dos monumentos acima mencionados, que integram a proposta de classificação

² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3557270> [consultado a 28.12.2023 às 10h15].

³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540172> [consultado a 28.12.2023 às 10h19].

do Megalitismo Alentejano, existem referências a mais quatro sítios no concelho de Alvito, insuficientemente caracterizados. Alvito 6 (CNS 22067), na freguesia de Alvito, identificado como uma anta (Valério, 1993) e Valongo (CNS 22136), em Vila Nova da Baronia, uma anta mencionada em documentos antigos (Valério, 1993), de que não se conhecem quaisquer vestígios atualmente; Monte dos Luzios (CNS 23426), também localizado na freguesia de Alvito e identificado como mamoa nos trabalhos de prospeção do Estudo de Impacto Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão e que corresponde a um montículo de pedras de pequena dimensão⁴. Por fim, a anta da Herdade de Santa Águeda ou Santa Ágata (CNS 6591), na freguesia de Vila Nova da Baronia, que atualmente se encontra submersa na Barragem de Odivelas. José Leite de Vasconcellos (1917, p. 168) refere que foi informado da existência de esteios em calcário retirados do local original, com a particularidade de um deles apresentar um orifício. Localizava-se junto a uma antiga ermida, que já se encontraria em ruínas aquando do enchimento da barragem.

3.2. Cuba

Cuba é o concelho de menor dimensão dos cinco que integram o presente estudo, com uma área total de 172,09 km², delimitado a Norte por Portel e Viana do Alentejo (Distrito de Évora), a Este pela Vidigueira, a Oeste por Alvito e Ferreira do Alentejo e a Sul por Beja. Apesar da escassa área que ocupa, o concelho de Cuba apresenta um importante e variado conjunto de monumentos megalíticos, com 15 registos (**Figura 3**). Em relação ao megalitismo funerário, conhecem-se em Cuba oito antas e uma mamoa, das quais duas terão sido destruídas, enquanto que para o megalitismo não funerário registam-se seis menires.

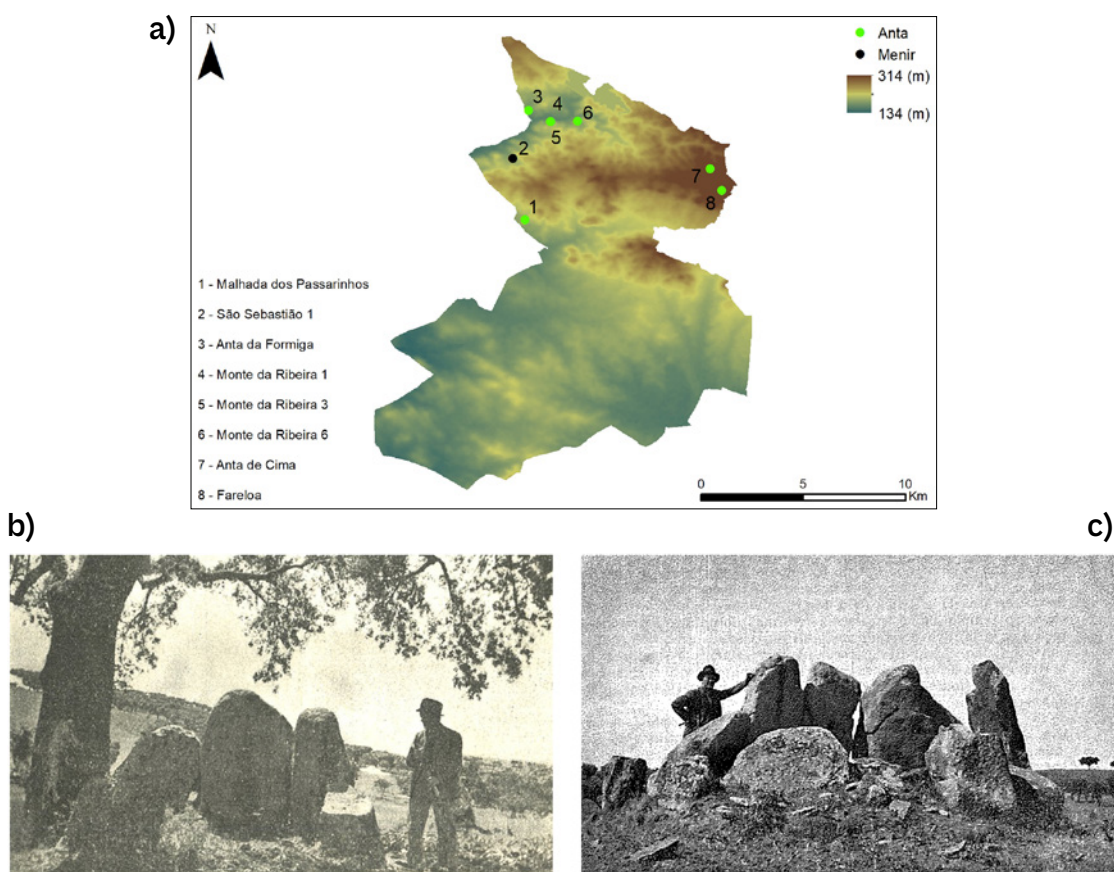


Figura 3 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia. b) Anta da Fareloa (Manique, 1945, p. 213). c) Anta de Cima (Viana, 1946, p. 15).

⁴ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540164> [consultado a 28.12.2023 às 10h39].

A Anta da Formiga ou Formiga 1 (CNS 13695), na freguesia de Vila Ruiva, que foi destruída em 1994, caracterizava-se por uma câmara poligonal com 2,25 metros de diâmetro, da qual apenas subsistem o esteio de cabeceira e dois outros adjacentes. O maior dos esteios possui 2 metros de altura por 1,3 metros de largura. Não se identificaram vestígios de corredor nem da mamoa, mas permitiu a recolha de um machado de pedra polida (Manique, 1945; Viana, 1946; Borges, 1981; Correia, 1996; Fialho e Ponte, 2011).

Aroeira 4 (CNS 40501), sito na freguesia de Cuba, é outro possível monumento desaparecido, do qual apenas se observaram vários blocos de mármore dispersos à superfície do terreno⁵.

A Anta de Cima (CNS 2516), na freguesia de Vila Alva, localiza-se numa pequena colina e apresenta câmara poligonal alongada, de orientação Este-Oeste, com 2,63 metros por 3,47 metros, com 9 esteios, dos quais apenas 4 se conservam *in situ* e completos, com uma altura máxima de 2,3 metros. Possui um pequeno corredor, que conserva 70 cm de comprimento por 60 cm de largura, onde só se identificam 2 esteios fraturados. O início do corredor é marcado por dois pequenos esteios cilíndricos, um com 68 cm de altura por 45 cm de largura e outro com 62 cm de altura por 64 cm de largura (Vasconcellos, 1918, 1927; Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Borges, 1981; Correia, 1996; Fialho e Ponte, 2011). José Leite de Vasconcellos faz referência a duas antas neste local, mas Pina Manique já só observou uma delas, colocando-se a possibilidade de ter sido destruída (Manique, 1945; Vasconcellos, 1918, p. 135).

A Anta da Fareloa (CNS 2524), também na freguesia de Vila Alva, apresenta uma câmara poligonal com um diâmetro de 2,25 m por 1,85 m, com 9 esteios, à semelhança da Anta de Cima, mas de menor dimensão e sem corredor preservado. Conserva o esteio de cabeceira *in situ*, três esteios no lado Nordeste, com um a apresentar um sulco e covinhas na face externa e dois a Sudoeste (Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Borges, 1981; Fialho e Ponte, 2011).

No Monte da Ribeira, sito na freguesia de Vila Alva, conhecem-se referências a quatro antas, sendo que duas delas apresentam alguns vestígios. O Monte da Ribeira 1 (CNS 2087), que sofreu destruições durante um processo de reflorestação, conservava o esteio de cabeceira *in situ* e um outro deslocado (Correia, 1996), e o Monte da Ribeira 6 (CNS 40500) possui ainda um esteio completo *in situ* e dois fraturados, bem como duas lajes fragmentadas que poderão ter pertencido ao chapéu⁶. Já em relação às antas de Monte da Ribeira 3 (CNS 40503) e Monte da Ribeira 4 (CNS 40504), que se encontravam insuficientemente caracterizadas por estarem sob moroiços, não se conhecem atualmente quaisquer vestígios (Correia, 1996).

A Malhada dos Passarinhos 1 (CNS 23441), na freguesia de Vila Ruiva, corresponde a um possível monumento megalítico, conservando uma mamoa subcircular com 1 metro de altura e 8 metros de diâmetro, com uma cratera ao centro⁷, que poderá indicar uma eventual violação.

Em relação ao megalitismo não funerário são conhecidos os menires de Assentes, Horta dos Canos do Meio, Fareloa 2, São Sebastião 1 e 3 e Vale de Arada 1. O menir de Assentes (CNS 40507), na freguesia de Faro do Alentejo, é um monólito de granito de formato cilíndrico, que apresenta uma covinha e estaria deslocado da sua posição original⁸. O Menir da Horta dos Canos do Meio (CNS 37823), em Vila Alva, não se encontra descrito e apenas é referido que se encontrava junto a um telheiro ou cabana de época romana, sendo ainda referido o aparecimento de uma estrutura circular com cerca de 20 metros de diâmetro (Mantas 1986, p. 210), possivelmente uma mamoa.

Na Herdade da Fareloa é mencionado o menir Fareloa 2 (CNS 40502), mas a descrição refere a presença de dois grandes menires em calcário, que foram colocados na entrada do monte e caídos de branco, após serem removidos da sua eventual posição original durante obras de uma estrada⁹. São Sebastião 1 (CNS 23486) e São Sebastião 3 (CNS 40505) referem-se a dois menires na freguesia de Vila Ruiva, com o primeiro a ser identificado num moroiço durante os trabalhos de prospeção relativos ao Estudo de Impacte Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão e de-

⁵ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676533> [consultado a 28.12.2023 às 10h48].

⁶ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676525> [consultado a 28.12.2023 às 10h54].

⁷ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540738> [consultado a 28.12.2023 às 10h59].

⁸ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676558> [consultado a 28.12.2023 às 11h07].

⁹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676536> [consultado a 28.12.2023 às 11h11].

positado em Cuba¹⁰ e o segundo corresponde a um monumento já destruído¹¹. Também em Vale de Arada 1 (CNS 40506), na freguesia de Cuba, há referência à descoberta de um menir (Correia 1996), de que se desconhece a localização¹².

3.3. Vidigueira

O concelho de Vidigueira apresenta o mais expressivo conjunto de monumentos megalíticos da presente análise. Este território, localizado ao centro da faixa Norte do concelho de Beja, tem 316,61 km² de área e encontra-se rodeado pelos concelhos de Portel (Distrito de Évora), a Norte, Moura, a Este, Serpa, a Sudeste, Beja, a Sul e Cuba a Oeste. São 22 os monumentos megalíticos referenciados no concelho de Vidigueira, repartidos por três freguesias, a que correspondem 12 antas, três menires e uma cista megalítica, para além de outros seis monumentos incertos (Figura 4). Tal como nos concelhos de Alvito e Cuba, são escassos os trabalhos arqueológicos efetuados sobre o conjunto de monumentos megalíticos, sendo, no entanto, de referir a recente intervenção de minimização efetuada na Anta do Zambujal (Almeida *et al.*, 2022). Destaca-se a freguesia de Pedrógão, com a maior quantidade de monumentos megalíticos.

A Anta 1 do Monte da Sobreira de Cima (CNS 21418) é composta por dois esteios *in situ* e dois deslocados, em xisto, conservando ainda uma pequena parte da mamoa. A sua planta seria circular e aparenta ter corredor orientado a Norte. O interior da câmara parece ter sido sujeito a violação (Costa e Palhete, 2016a). A Anta 2 do Monte da Sobreira de Cima (CNS 21421) também foi erigida com recurso a elementos de xisto locais e conserva parte da mamoa. A sua planta seria circular ou ovalada e pode ter corredor. Nas imediações foi recolhido um machado ou martelo em arenito e alguma indústria lítica em quartzito (Costa e Palhete, 2016a).

A Anta da Ribeira das Figueiras (CNS 40653) conserva cinco esteios que definem uma câmara circular com 2 metros de diâmetro e apresenta corredor orientado a Sudeste com cerca de 3 metros de comprimento¹³.

A Anta do Monte de Dona Maria (CNS 36229) possui câmara com oito esteios de pequena dimensão, sem se identificarem restos da mamoa ou presença de corredor. Trata-se, muito possivelmente, de um dos sepulcros que o casal Leisner identifica na Quinta de D. Maria, em número indeterminado e consideradas mal conservadas (Leisner e Leisner, 1959, p. 245; Costa e Palhete, 2016a). Um outro desses monumentos poderá ser a anta de Quinta de Dona Maria 1 (CNS 40125), previamente identificado por Fragoso de Lima (1944), que refere um monumento bastante desestruturado, cujos esteios foram utilizados na construção de uma malhada. Conservava um único esteio, ainda em posição vertical, e com 60 cm de altura, para além de vestígios de esteios partidos nas imediações e outros reutilizados na malhada. Fragoso de Lima ainda observou os negativos dos esteios, com a presença de numerosos calços. (Figura 4)

Na Corte Serrão localiza-se um conjunto dolménico que terá sido formado por diversos monumentos (Lima, 1944), mas que se encontra reduzido a duas antas a curta distância uma da outra, a Anta Grande e a Anta Pequena (ambas com o CNS 982). A primeira exhibe clara diferenciação entre a câmara poligonal, que conserva 6 esteios e o corredor subretangular com 17 metros. Existem ainda vestígios de uma possível laje de cobertura junto à entrada do corredor. A Anta Pequena exhibe câmara poligonal com sete esteios e ausência de corredor, encontrando-se em melhor estado de conservação que a Anta Grande (Lima, 1944; Lima, 1981; Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016a).

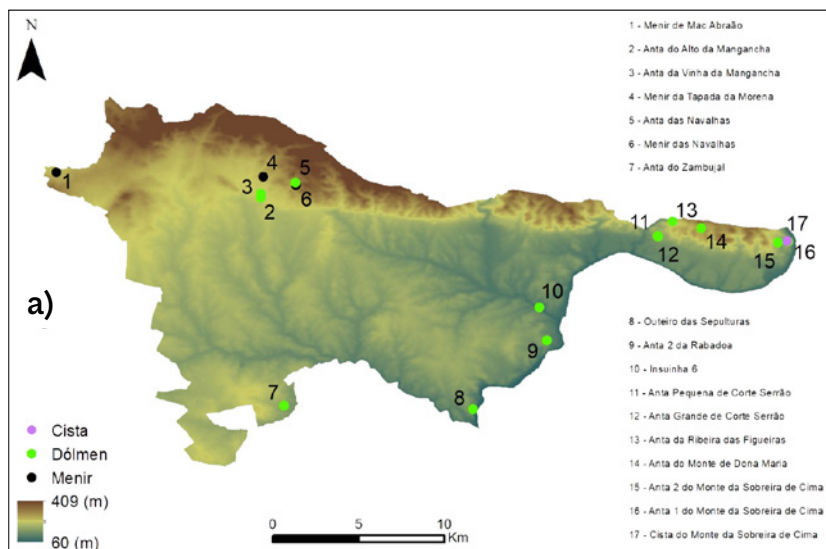
O Outeiro das Sepulturas (CNS 40124) corresponde a uma anta de câmara e corredor diferenciados, sem vestígios de mamoa. A cobertura arbustiva não permite uma descrição sólida da planta e apenas o corredor se encontra com melhor visibilidade, medindo cerca de 4,5 metros de comprimento (Costa e Palhete, 2016a).

¹⁰ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2542607> [consultado a 28.12.2023 às 11h14].

¹¹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676549> [consultado a 28.12.2023 às 11h16].

¹² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676553> [consultado a 28.12.2023 às 11h19].

¹³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3686030> [consultado a 28.12.2023 às 11h22].



1978



2015/2016



2017 e 2022



Figura 4 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Anta Pequena de Corte Serrão e c) Anta Grande de Corte Serrão (Fotografias: Câmara Municipal de Vidigueira); d) Menir da Tapada da Morena; e) Anta do Alto da Mangancha (Fotografia: André Pereira e Hugo Morais); f) Anta da Vinha da Mangancha (Manique, 1945, p. 218); g) Anta do Zambujal, em 1978 (Sardica e Parreira, 1980), 2015/2016 (Fotografia: Câmara Municipal da Vidigueira), 2017 (Fotografia: DRCALEN) e 2022 (Fotografia: O Legado da Terra, c.r.l.).

Na freguesia de Pedrógão, para além do conjunto de antas acima descritas, encontra-se ainda referência a uma possível cista megalítica no Monte da Sobreira de Cima (CNS 21419), formada por um montículo de pedras de xisto de planta oval (Costa e Palhete, 2016a). Também se encontram-se inventariados os sítios de Corte Serrão 3 (CNS 40126) e Corte Serrão 4 (CNS 40464), que geram dúvidas sobre se poderão corresponder a alguns vestígios identificados por J. Fragoso de Lima nas imediações da Anta Grande da Corte Serrão, onde se localizou posteriormente um conjunto de cistas em xisto (Costa e Palhete, 2016a). É ainda de mencionar os sítios de Rabadoa 2, classificado como anta, mas sem qualquer vestígio conhecido no local e de Insuínha 6 (CNS 23116) que também foi identificado como anta, correspondendo a uma laje de xisto colocada ao alto, amparada por outra laje de menor dimensão (Costa e Palhete, 2016a), com dúvidas na sua classificação como monumento megalítico. Existem ainda vagas referências de Fragoso de Lima (1944) a outros dois monumentos na freguesia de Pedrógão que não foram relocados, no Monte Grande (CNS 40465) e na Sobreira de Baixo (CNS 40128).

A freguesia de Selmes apresenta um importante conjunto de monumentos megalíticos, constituído por quatro antas e dois menires. A Anta das Navalhas (CNS 40121) implanta-se numa elevação, apresentando câmara e corredor diferenciados, com um total de 19 esteios de pequena dimensão. A câmara possui 3 metros de diâmetro e o corredor exibe um comprimento de 3,8 metros. Não se conservam vestígios da mamoa (Costa e Palhete, 2016b).

No Alto da Mangancha identificou-se uma anta (CNS 37041) no topo de uma elevação, que se encontra muito destruída. Conserva apenas três esteios e recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica e um crescente nas suas imediações (Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016b). Também na Vinha da Mangancha se detetou outra anta, já bastante destruída no momento da descoberta (Manique, 1945; Caetano, 1994; Leisner e Leisner, 1959) e que em 2010 seria completamente arrasada pelo plantio de uma vinha (Costa e Palhete, 2016b).

José Leite de Vasconcellos (1918, pp. 135-136) refere uma visita à Vidigueira em 1917, onde lhe é dada a conhecer uma anta no sítio da Mangancha, que situa num conjunto de vinhas e descreve uma anta em granito à qual falta a tampa e muitos esteios. Acrescenta ainda que nos terrenos em volta se recolheram mós, “amoladeiras”, percutores, machados de pedra polida, raspadores em pedra, “setas e facas” em sílex, furadores de osso, “pendentes de lousa” (placas de xisto), lâminas de cobre e outros artefactos.

O monumento megalítico que permitiu maior conjunto de informações no concelho de Vidigueira é a Anta do Zambujal (CNS 5267), sujeita a uma primeira intervenção em 1979 (Sardica e Parreira, 1980), e novamente entre 2018 e 2022, como resultado da sua afetação durante a implantação de um projeto agrícola de olival (Vilhena e Inácio, 2019; Almeida *et al.*, 2022). Identificada como sendo uma anta com seis esteios na câmara, corredor e átrio, com mamoa preservada, os trabalhos depois da sua destruição permitiram reconstituir a planta original da câmara e corredor, tendo-se identificado dois elementos de feição menírica cilíndricos a ladear a entrada do corredor, assim como os negativos das pedras que haviam sido associadas a um possível átrio. Registou-se um importante nível de destruição que afectou os elementos arquitectónicos do dólmen, a mamoa e outros contextos associados, sendo possível registar alguns escassos contextos preservados na zona da ante-câmara e corredor. A cultura material era diversa nas suas cronologias, mas os materiais de maior relevância para a caracterização da construção e usos pré-históricos remetem para a segunda metade do 4º milénio e 3º milénio a.n.e., incluindo, sobretudo, uma indústria lítica talhada em quartzito e sílex, uma indústria polida vestigial e escassa cerâmica bastante fragmentada.

Na freguesia de Selmes também se conhecem dois menires, um na Tapada da Morena e outro junto à Anta das Navalhas. O menir da Tapada da Morena (CNS 40123) foi identificado em 2017 durante a plantação de uma vinha e encontrava-se tombado. O proprietário reergueu o monumento junto à entrada do monte, a algumas dezenas de metros do local de achado, sem recolocação da parte superior, que se encontra tombada a curta distância. Trata-se de um monólito de granito com mais de 5 metros de comprimento e 1,4 metros de diâmetro (Cortes e Calado, 2018). Já o menir das Navalhas (CNS 40122) corresponde a um monólito de xisto, tombado e parcialmente soterrado, com 2,77 metros de comprimento e 60 cm de largura visíveis (Costa e Palhete,

2016b). Na freguesia de Vila de Frades o destaque vai para o menir de Mac Abraão (CNS 553), um enorme monólito de granito porfiroide com forma subelipsoidal alongada. A parte visível possui 2,75 metros de comprimento por 1,4 metros de largura e exhibe algumas decorações, nomeadamente um círculo e algumas linhas (Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016c).

3.4. Moura

O concelho de Moura apresenta uma quantidade de monumentos megalíticos similar ao concelho de Vidigueira, com 20 registos, todos relacionados com o mundo funerário, entre diversas antas e mamoas (Figura 5). Contudo, de ressaltar que existem menções a outros monumentos (Lima, 1988), que resultariam num número de cerca de 30 registos para o concelho, porém a escassez de informação leva-nos a não os contemplar neste trabalho. Possui uma área de 958,46 km², fazendo fronteira a Leste e Sul com Espanha e encontrando-se ainda delimitado pelos concelhos de Mourão, Reguengos de Monsaraz e Portel (Distrito de Évora), a Norte, Barrancos, a Leste, Serpa, a Sudoeste e Vidigueira, a Oeste.

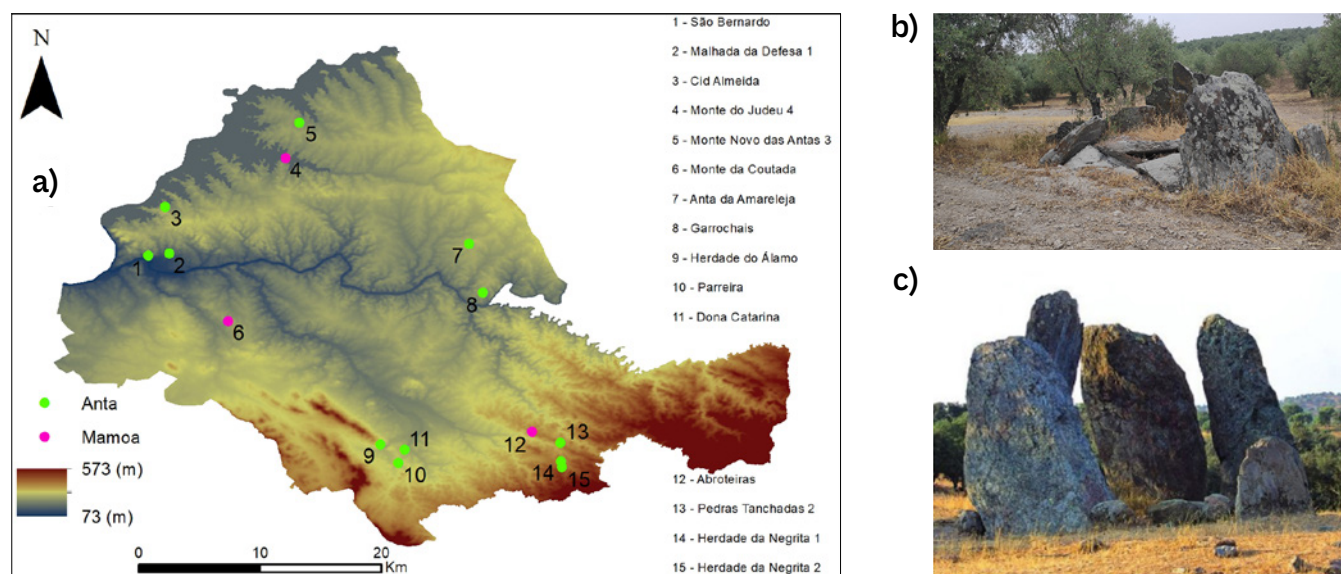


Figura 5 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Monte Novo das Antas 3 (Fotografia: Câmara Municipal de Moura); c) Anta da Negrita.

Começamos pela anta do Álamo/Touril 1 (CNS 6596), localizada na freguesia de Sobral da Adiça. Esta anta apresenta a mamoa bem preservada e conserva oito esteios *in situ*, mas o esteio de cabeceira está ausente. Um dos esteios poderá corresponder a uma estela e encontra-se gravado com “cavinhas”. Fragoso de Lima identificou-a como Anta do Touril 1 (Lima, 1951, Leisner e Leisner, 1959; Moita, 1965).

A Malhada de Defesa 1 (CNS 21533), situada na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, corresponde a uma anta, que apresentava um esteio com 2 metros de comprimento e um amontado de esteios de menor dimensão, sem vestígios da mamoa (Leisner e Leisner, 1959; Silva, 1999), porém segundo informações de José Gonçalo Valente (Câmara Municipal de Moura), em 2010 já se encontrava destruída. Em São Bernardo (CNS 40067), também na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, localizou-se uma anta de pequenas dimensões que foi escavada por Fragoso de Lima e Manuel Heleno em 1947 (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1988).

No Monte Novo das Antas 3 (CNS 21191), na Póvoa de São Miguel, identificou-se uma anta com nove esteios na câmara, com 4 metros de diâmetro. Já não tem vestígios da laje de cobertura nem do corredor. Nas proximidades identificou-se uma possível estela tombada, com 3,5 metros por 1 metro (Leisner e Leisner, 1956, 1959).

A Anta da Negrita 1 (CNS 1241), na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração, possui cinco esteios *in situ*, incluindo o de cabeceira, com uma altura de 2,44 metros. A câmara tem planta poligonal e o corredor é subretangular, encontrando-se praticamente soterrado. Ainda se observam muitas pedras da mamoa e um possível anel pétreo (Lima, 1988; Moita, 1965; Leisner e Leisner, 1959).

A Anta das Pedras Tanchadas ou Pedras Tanchadas 2 (CNS 6315), também em Safara e Santo Aleixo da Restauração, mantém sete esteios *in situ*, e o esteio de cabeceira encontra-se fraturado. Já não possui vestígios da mamoa e do corredor. Também aparece referida como Negrita 3 (CNS 40479) (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1988).

Para além destas seis antas, conhecem-se no concelho de Moura, um conjunto de mamoas, que poderá em parte relacionar-se com o fenómeno do Megalitismo, apesar de algumas dúvidas resultantes da escassa investigação. São os casos das mamoas identificadas em Coutada, Judeu 4 e Abroteiras. A Mamoa da Coutada (CNS 31944), União de Freguesias de Moura e Santo Amador, tem 8 metros de diâmetro e uma concentração de blocos de xisto e quartzo (Leisner e Leisner, 1959), que não permitem uma melhor caracterização. Também a mamoa de Judeu 4 (CNS 22244), na Póvoa de São Miguel, apresentava dimensões similares, com 7 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura (Silva, 1999), mas cujos vestígios já não se conservam. A Mamoa das Abroteiras/Abutreiras (sem CNS), recentemente identificada em Safara e Santo Aleixo da Restauração, apresenta uma dimensão superior, com 20 metros de diâmetro e está delimitada por anel pétreo (iné dita, Câmara Municipal de Moura). No centro observam-se alguns esteios de pequena dimensão. No entanto, a sua configuração aproxima-a mais das cistas com *tumulus* da Idade do Bronze.

Existem ainda uma série de referências mais duvidosas ou de difícil confirmação, como as antas de Amareleja (CNS 40062), freguesia de Amareleja (Moita, 1965), Garrochais (CNS 6335), na mesma freguesia (Moita, 1965; Silva, 1999), a Anta do Monte dos Bravos (CNS 40063), em Moura e Santo Amador, Cid Almeida (CNS 40064), em Moura e Santo Amador (Leisner e Leisner, 1959), Dona Catarina (CNS 40477) (Leisner e Leisner, 1959), Palhares (sem CNS) (Lima, 1951), Parreira (CNS 6413) (Lima, 1951; Moita, 1965) e Preguiça (sem CNS), todas em Sobral da Adiça, que não apresentam qualquer vestígio atualmente, com a última a ter mencionada a sua destruição por trabalhos de mineração em 1914 (Leisner e Leisner, 1959). Também na Póvoa de São Miguel encontra-se referida uma anta na Serra Brava (sem CNS), que não foi realocada e na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração estão mencionadas antas em Vale de Vinagre (sem CNS) (Leisner e Leisner, 1959) e na Negrita 2 (CNS 40478), que também não foram localizadas (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1951).

3.5. Serpa

Serpa possui a maior extensão dos concelhos analisados, com uma área total de 1105,63 km². É um município raiano, que faz fronteira a Este com Espanha, a Norte e Noroeste com Moura e Vidigueira, a Oeste com Beja e a Sul com Mértola. Conhecem-se 17 monumentos megalíticos em Serpa, com a particularidade de ser o único dos concelhos abordados onde se identificaram *tholoi* (Figura 6). Apesar de não apresentar um conjunto tão expressivo como os registados para Vidigueira e Moura, realça-se a variedade de tipologias (antas, mamoas, *tholoi*, menires), bem como o facto de ser o território mais estudado, com diversas intervenções arqueológicas resultantes de trabalhos de investigação e de salvaguarda.

Na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria merece destaque uma possível necrópole formada por quatro antas de pequenas dimensões em Arcins. Arcins (CNS 13296), encontra-se no topo de uma pequena elevação e conserva três esteios, em xisto, *in situ*, incluindo o de cabeceira. A câmara, que está virada para nascente, tem 1,40 m por 0,7 m. Há menção a outros três monumentos nas proximidades que teriam sido completamente destruídos por trabalhos agrícolas (Lopes *et al.*, 1997), mas que foram identificados nos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano. Designados como Arcins 2, 3 e 4 (sem CNS), encontram-se muito destruídos, correspondendo a simples aglomerados de pedras (xisto e quartzo), observando-se alguns esteios fragmentados, aparentemente *in situ*. Na mesma freguesia, a anta da Boa Vista (CNS 13286), está referenciada como uma anta de corredor curto, conservando ainda alguns esteios e o *cairn* em xisto (Lopes *et al.*, 1997).

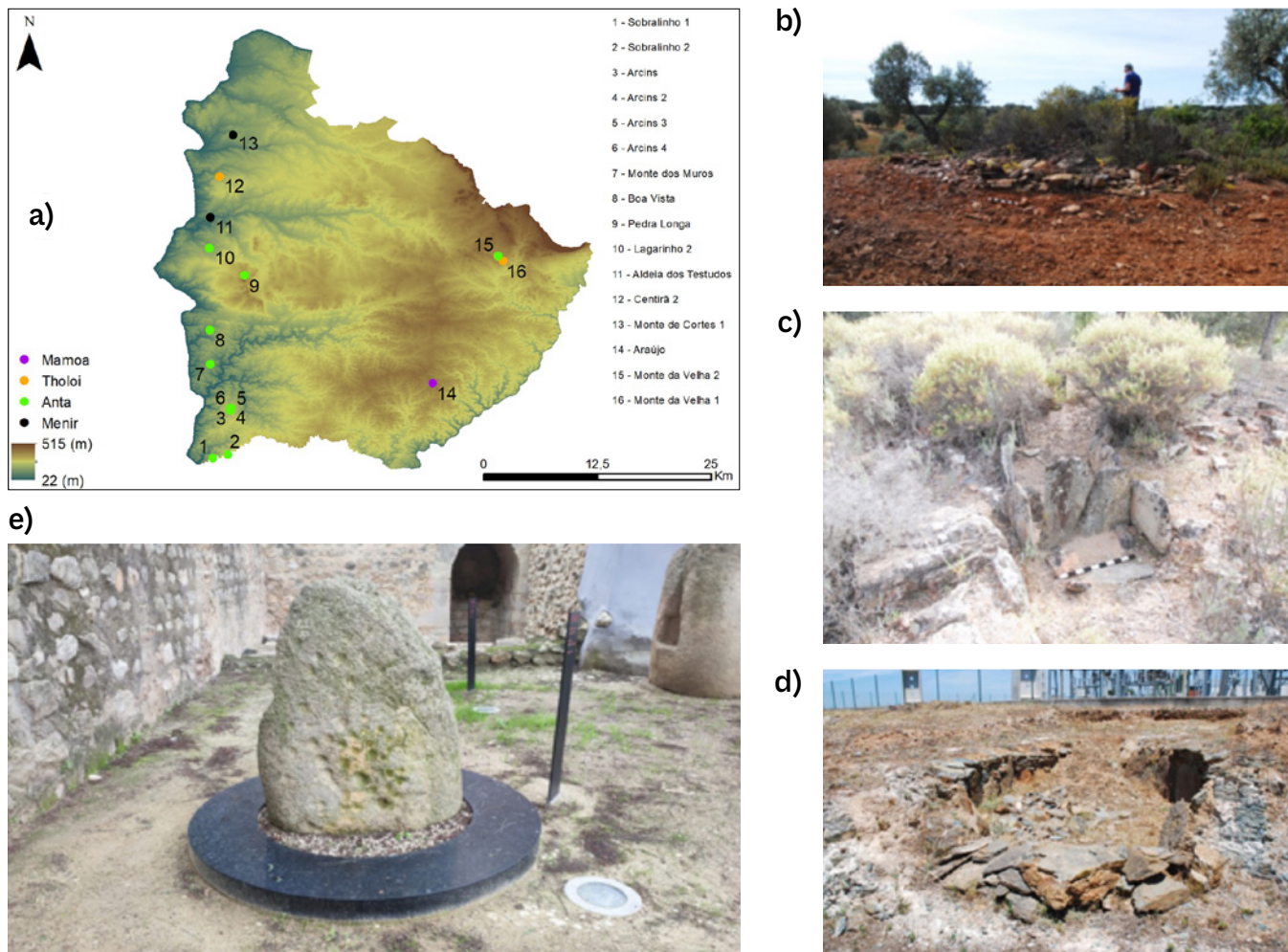


Figura 6 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Monte da Velha 2; c) Monte da Velha 1; d) Centirã 2; e) Menir de Cortes 1 (Fotografias: Câmara Municipal de Serpa).

As antas de Sobralinho 1 (CNS 13369) e Sobralinho 2 (CNS 13370), situam-se na linha divisória com o concelho de Mértola e correspondem, no primeiro caso, a uma antela com câmara de planta oval, sem corredor, com sete esteios de xisto *in situ*. A mamoia ainda se conserva e possui um anel pétreo, enquanto que no segundo caso estamos perante uma anta que só tem dois esteios em xisto (Lopes *et al.*, 1997). O Monte dos Muros (CNS 21691)¹⁴, classificado como anta na mesma freguesia, não apresenta qualquer vestígio no sítio indicado em bibliografia, podendo tratar-se de um caso de erro de localização a necessitar de confirmação futura. Ainda na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, existe a referência a uma anta designada por Pedra Longa ou Nossa Senhora da Guadalupe (CNS 6272), de que apenas se menciona a presença de dois esteios (Vasconcellos, 1900) e que agora corresponde a um sítio totalmente urbanizado (Lopes *et al.*, 1997).

Um dos monumentos megalíticos mais significativos do concelho de Serpa é a anta do Monte da Velha 2 (CNS 195), em Vila Verde de Ficalho, juntamente com o *tholos* do Monte da Velha 1, fruto das intervenções arqueológicas de que foram alvo.

O Monte da Velha 2 foi escavado no final dos anos 70 do século passado e apresenta uma planta poligonal, com 1,6 metros de diâmetro, constituída por esteios de xisto, e um corredor curto, com 1,4 metros de comprimento, não diferenciado em altura. Possui um *cairn* com um círculo interior de lajes em cutelo e outros arcos de círculo exteriores, com o objetivo de conferir solidez à estrutura. No fundo da câmara detetou-se um piso formado por três grandes lajes

¹⁴ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=241178> [consultado a 27.12.2023 às 18h11]

de xisto dispostas horizontalmente, enquanto que no corredor o piso era constituído por pequenos blocos e lajes de xisto com terra avermelhada. Entre o espólio exumado destacam-se diversas lâminas de sílex, uma placa de grés decorada por uma leve incisão e pontilhado, duas placas de xisto decoradas, percutores, um vaso cilíndrico, um vaso com pegas mamilares, um vaso hemisférico e vários fragmentos cerâmicos. Foram ainda identificados restos osteológicos correspondentes a 5 indivíduos. Apontou-se uma cronologia entre 4000 a 3500 a.n.e. para a sua construção e primeira fase de inumação e 3500 a 3000 a.n.e. para uma segunda fase de utilização (Soares e Arnaud, 1984).

Em relação às *tholoi*, conhecem-se dois monumentos no concelho de Serpa, Centirã 2, na freguesia de Brinches e o já mencionado Monte da Velha 1.

Centirã 2 (CNS 28756), foi identificado em 2006 no decurso do acompanhamento arqueológico do Parque Fotovoltaico HÉRCULES e escavado em 2007 e 2011. A *tholos* é constituída por câmara, corredor curto e átrio. Foram registados alguns enterramentos primários, além de cinco ossários e/ou reduções. Entre o espólio recolhido regista-se a presença de vasos campaniformes lisos, braçais de arqueiro, um botão em osso com perfuração em V e uma ponta tipo Palmela que apontam para uma utilização do Calcolítico final, que as datações pelo radiocarbono permitiram precisar. Posteriormente, o corredor da *tholos* terá sido utilizado, no último quartel do II milénio a.n.e., para dois enterramentos secundários (Henriques *et al.*, 2013a, 2013b).

A *tholos* de Monte da Velha 1 (CNS 12176) foi escavada em 1975 e em 1999/2000, com esta última fase integrada numa ação de valorização do monumento em conjunto com a anta de Monte da Velha 2. Apresenta câmara circular, com 3 metros de diâmetro, e corredor longo. Entre o espólio recolhido evidencia-se a presença de várias peças cerâmicas como uma taça carenada, um copo, um grande vaso esférico e outros vasos de menor dimensão, bem como diversos fragmentos cerâmicos. Havia ainda um conjunto funerário que acompanhava um enterramento secundário, constituído por duas taças hemisféricas e um vaso campaniforme. A coleção lítica é composta por várias lâminas de sílex, uma lâmina calcária, um machado e uma enxó em anfíbólito e um fragmento de placa de xisto decorada. Em termos cronológicos foi atribuída a fase de construção à transição do IV para o III milénio a.n.e., enquanto que o enterramento secundário se situa no denominado Horizonte Ferradeira, tendo sido obtida uma datação que o coloca no 3º quartel do III milénio a.n.e. (Soares, 2008).

Entre os possíveis monumentos funerários há que referir ainda a mamoa de Araújo (CNS 12995), na União de Freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo (Lopes *et al.*, 1997). É constituída por blocos de xisto e quartzito, para além de vários blocos de quartzo que formam um possível anel pétreo e tem 16 metros de diâmetro. Ao centro observa-se uma depressão e várias lajes de xisto tombadas, tendo-se identificado um fragmento de dormente de mó.

Em relação ao Megalitismo não funerário, conhecem-se em Serpa dois menires, Aldeia de Testudos e Monte de Cortes. Aldeia dos Testudos (CNS 13316), na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, é um menir em granito, que se encontra tombado no local e fraturado. Tem 5 metros de comprimento por 80 cm de diâmetro máximo e exhibe 3 “cavinhas” na área central (Lopes *et al.*, 1997). O Monte de Cortes (CNS 31244), localiza-se em Brinches e foi intervencionado em 2009 no âmbito de trabalhos de minimização. Trata-se de um menir profusamente decorado com “cavinhas”, que se encontrava integrado num pequeno recinto definido por um fosso circular com 21 metros de diâmetro, que ao centro possuía três fossas e o menir. Um outro menir encontrava-se tombado nas proximidades (Valera *et al.*, 2014). O menir decorado integra a exposição permanente do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa. No sítio Cortes 2, localizado a 300 metros a Este do recinto, foram intervencionadas diversas fossas e identificado um grande fragmento de outro menir (Valera *et al.*, 2014).

Em Serpa existem algumas referências a outros monumentos de difícil confirmação como Lagarinho 2 (CNS 13334), na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, onde se refere a presença de cinco lajes de granito que formavam uma câmara (Lopes *et al.*, 1997), mas que atualmente se encontra totalmente destruído. Outro sítio é o Monte Catalão (CNS 13070), conhecido por informações pessoais de Fragoso de Lima e também referido como monumento megalítico, apesar de não ser possível confirmar a sua existência, pois já teria sido destruído aquando da visita dos Leisner (Lopes *et al.*, 1997; Leisner e Leisner, 1959, p. 245).

4. QUE FUTURO?

A dispersão dos monumentos megalíticos por concelho, demonstra que existe uma maior frequência de sítios na Vidigueira e Moura, sendo que mesmo Serpa e Cuba apresentam números de mais do dobro dos registados em Alvito (**Figura 7**). De momento, não nos é possível perceber adequadamente até que ponto a desigual distribuição dos monumentos está relacionada com o estado da investigação nas diferentes áreas ou, inclusive, como outras variáveis influenciam estes valores (e.g., destruição, geologia, área total). Contudo, este tipo de análise, apesar de um pouco fora do âmbito inicial do presente artigo merece aprofundamento futuro a uma escala regional.

Relativamente ao tipo de sítios, tratam-se essencialmente de antas (n=59) e menires (n=12), com alguns a serem identificados apenas como mamoa (n=7) devido à falta de informação. As *tholoi* (n=2) e cistas megalíticas (n=1) são residuais. Preliminarmente, verifica-se a prevalência de sítios junto aos maiores cursos de água ou em áreas de maior altimetria.

A ausência de informações detalhadas, sobretudo no que corresponde a materiais arqueológicos, mas também a falta de datações absolutas, limita a caracterização do Megalitismo nestes concelhos. Quanto ao megalitismo funerário, apenas Monte da Velha 1, Monte da Velha 2, Centirã 2, Anta do Zambujal e São Sebastião foram objecto de escavação arqueológica, o último sem uma publicação dos resultados.

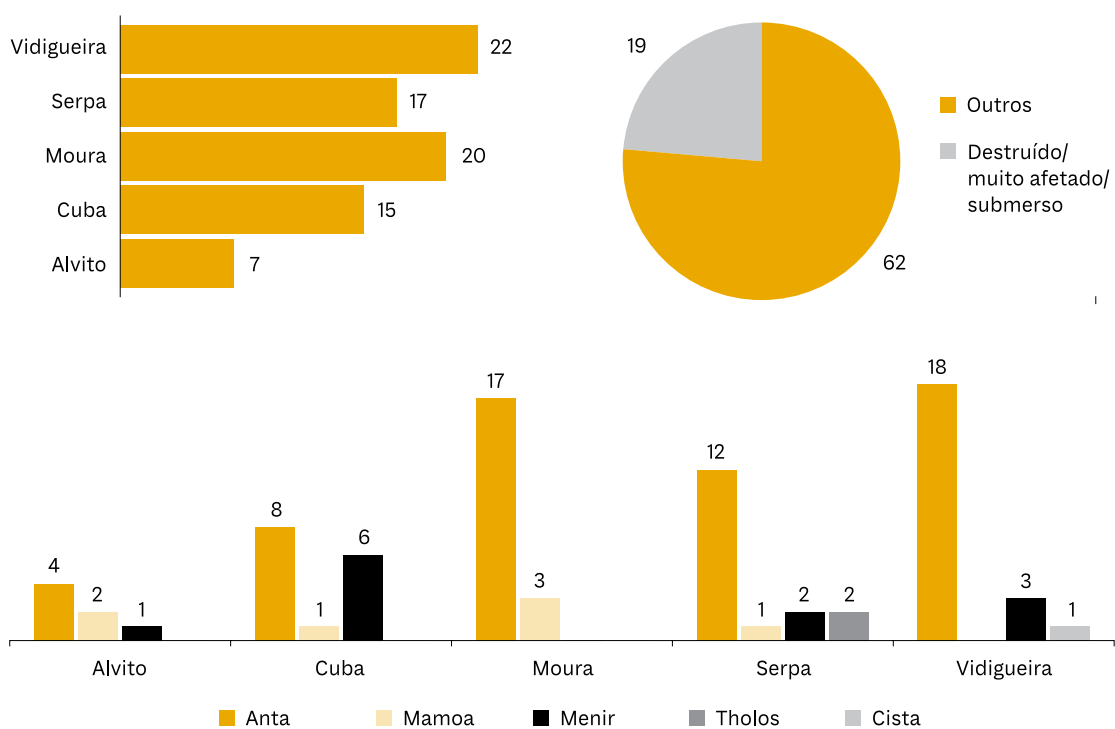


Figura 7 – Número de sítios incluídos no estudo por concelho, relação entre sítios destruídos/muito afectados/submersos com os restantes e quantidade de sítios por tipologia e concelho.

Relativamente ao estado actual, um número infra valorizado, contudo, ainda assim indicativo, é o dos sítios destruídos, muito afectados ou submersos, que atinge c. 24% da amostra. Pelo menos 14 antas e um menir são considerados destruídos, três antas muito afectadas e uma anta submersa. Nestes valores não estão contabilizados os seis menires deslocados, vários elementos não relocados, i.e., um menir e 16 antas, ou outras consideradas como tendo uma informação insuficiente – seis antas, quatro mamoa, um menir. Os sítios que não estão contabilizados, mesmo assim, correspondem maioritariamente a elementos cuja preservação carece de caracterização actualizada e/ou mais aprofundada, sendo comuns os sítios com apenas alguns ortostatos preservados *in situ*.

Face a este panorama que, obviamente, se repete em outras áreas do país, com as suas diferenças e vicissitudes específicas, resta questionar sobre qual o futuro para o Megalitismo nestes concelhos. Na realidade, como se tem vindo a observar, existe uma escassez de informação sobre estes sítios e que tem vindo a ser atenuada gradualmente pelo processo de diagnóstico e caracterização em curso. Somos da opinião que este processo deverá ser concluído, mesmo que não apresente o aprofundamento desejável para uma análise mais detalhada. É, ainda assim, condição imprescindível para permitir aferir acções futuras no que concerne à preservação e valorização destes monumentos. Como é óbvio, as questões legais e regimes sancionatórios, associados às questões de destruição e afetação patrimonial, precisam de uma adequação, não cabendo aqui a discussão destes aspectos. Quanto a outras possibilidades, em nossa opinião, as acções futuras nesta região deveriam focar-se na:

- Realização de acções de sensibilização junto das comunidades locais e proprietários. O desconhecimento e falta de informação acerca deste Património é ainda hoje comum, com óbvias consequências para a sua preservação;
- Preparação de projectos de investigação para fazer face às lacunas existentes. Uma importante parte dos sítios conhecidos está escassamente caracterizado, sendo que vários casos carecem de trabalhos arqueológicos com vista a caracterizar o tipo de sítios e averiguar da preservação de contextos e materiais;
- Monitorização dos sítios como forma de contribuir para evitar destruições. Apesar das óbvias dificuldades relacionadas com a falta de recursos humanos, é necessário que sejam realizadas visitas aos distintos sítios com intervalos de tempo que não sejam demasiado alargados, sobretudo quando as áreas onde estes se encontram estiverem a ser alvo de trabalhos agrícolas de maior envergadura;
- Valorização de monumentos que tenham melhores condições. Alguns dos sítios mencionados apresentam uma preservação aceitável para se proceder a iniciativas de conservação, restauro e valorização.

AGRADECIMENTOS

Para este artigo, foram utilizados dados dos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano¹⁵ facultados pela tutela. Os autores gostariam de agradecer aos seguintes colegas e instituições pela ajuda e disponibilização de informação, inclusive, inédita: Samuel Melro (DRCALEN), José Gonçalo Valente (Câmara Municipal de Moura), André Pereira e Hugo Morais. Os autores gostariam de agradecer aos dois revisores que, através dos seus comentários e sugestões, ajudaram a melhorar o artigo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. A. (2009) – Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.

ANDRADE, M. A.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A. (2018) – Territórios de fronteira: o Megalitismo nas abas da Serra d'Ossa (Estremoz-Redondo, Alentejo, Portugal). In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F., eds. – De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 353-392.

ANDRADE, M.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A. (2022) – Small is Beautiful: Early megalithism and the first funerary architectures in south-central Portugal (southwestern Iberia). In LAPORTE, L.; LARGE, J.-M.; NESPOULOUS, L.; SCARRE, C.; STEIMER-HERBET, T., eds. – Megaliths of the World, Volume 1. Oxford: Archaeopress, pp. 1313-1328.

ALMEIDA, N. J.; BARREIRA, J.; COSTA, L.; REIS, J.; SERRA, M. (2022) – Anta do Zambujal (Selmes, Vidigueira). Trabalhos em curso e contributos para a história do monumento. *Al Madan Online*, 25, tomo 2, pp. 119-120.

¹⁵ Anúncio 39/2022, DR, 2ª série, n.º 40, de 25 de Fevereiro e Anúncio 17/2023, DR, 2ª série, n.º 31, de 13 de Fevereiro.

- ALMEIDA, N. J.; OOSTERBEEK, L.; SCARRE, C.; FERREIRA, C.; BELO, J.; COSTA, L., (2018) – Dawn of the dead: funerary behaviour in the Middle Tagus Neolithic. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F., eds. – De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 233-245.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Chronology of megalithism in south-central Portugal. In WHEAT- LEY, D.W.; SCARRE, C.; GARCÍA SANJUÁN, L., eds. – Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths. Menga: Revista de Prehistoria de Andalucía 1, pp. 159-190.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. Revista Portuguesa de Arqueologia. 16, pp. 81-101.
- BORGES, E. (1981) – O Concelho de Cuba. Subsídios para o seu inventário artístico. Cuba: Câmara Municipal de Cuba.
- CAETANO, J. (1994) – Vidigueira e o seu concelho. Vidigueira: CMV (2ª edição).
- CALADO, M. (2004) – Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional. Tese de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- CERRILLO CUENCA, E.; BUENO-RAMÍREZ, P. (2019) – Counting with the invisible record? The role of LiDAR in the interpretation of megalithic landscapes in south-western Iberia (Extremadura, Alentejo and Beira Baixa). Archaeological Prospection. 26, pp. 251-264.
- CORTES, D.; CALADO, M. (2018) – Menir da Tapada da Morena, um novo monumento megalítico no concelho da Vidigueira. Antrope 8. pp. 7-15.
- CORREIA, S. (1996) – Calcolítico do Sul de Portugal – Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de Mestrado. Porto: FLUL.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016a) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Pedrógão do Alentejo. Vidigueira: CMV.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016b) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Selmes. Vidigueira: CMV.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016c) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Vila de Frades. Vidigueira: CMV.
- FIALHO, L.; PONTE, T. (2011) – Introdução à Carta Arqueológica de Cuba. Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 147-154.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- HENRIQUES, F.; SOARES, A.; ANTÓNIO, T.; CURATE, F.; VALÉRIO, P.; ROSA, S. (2013a) – O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros: AVB, pp. 319-355.
- HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T.; ROSA, S.; CURATE, F.; SOARES, A. (2013b) – Escavação arqueológica do Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa). Estudos de Arqueologia e Património Cultural. 1, pp. 1-31.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) – Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1:2.
- LIMA, J. (1944) – Antas da Bacia do Guadiana. Dolmenes da Corte Serrão. Arquivo de Beja. 1, 3, pp. 246-249.
- LIMA, J. (1951) – Aspetos da romanização no território português da Bética. O Arqueólogo Português. Nova série, 1, pp. 171-211.
- LIMA, J. (1981) – Elementos históricos e arqueológicos do Concelho de Moura. Moura: CMM.
- LIMA, J. (1988) – Monografia arqueológica do concelho de Moura. Moura: CMM.
- LIMA, R.; PEREIRA, G. (2021) – Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico do projeto de obra Circuito Hidráulico de Viana do Alentejo e respetivo Bloco de Rega (Viana do Alentejo). NEXO - Património Cultural.
- LOPES, M.; CARVALHO, P.; GOMES, S. (1997) – Arqueologia do Concelho de Serpa. Serpa: CMS.
- MANIQUE, L. (1945) – Antas do Alentejo. Arquivo de Beja. 2, 34, pp. 215-217.
- MANTAS, V. (1986) – Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate (Vidigueira). Arquivo de Beja. III, 2ª série, pp. 199-214.
- MOITA, I. (1965) – A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto). Lucerna. 4, pp. 140-152.

- OLIVEIRA, J. (1995) – Monumentos megalíticos da Bacia hidrográfica do Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo). Tese de Doutoramento. Évora: UÉ.
- ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento. Lisboa: FLUL.
- SARDICA, J.; PARREIRA, R. (1980) – Relatório dos trabalhos de escavação efectuados em Julho de 1979 na Anta do Zambujal (concelho da Vidigueira, distrito de Beja). Relatório. Lisboa: DGPC.
- SCARRE, C.; OOSTERBEEK, L. (2010) – The megalithic tombs of the middle Tagus basin and agro-pastoral origins in Western Iberia. In ARMBRUESTER, T.; HEGEWISCH, M., eds. – On Pre- and Earlier History of Iberia and Central Europe. Studien Zur Archäologie Europas 11. Verlag: Bonn, pp. 97-110.
- SILVA, A. (1999) – Salvamento arqueológico no Guadiana. Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 1. Beja: EDIA.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, V., ed. – Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: IPA, pp. 117-134.
- SOARES, A. (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Revista Portuguesa de Arqueologia. 11.1, pp. 33-51.
- SOARES, A.; ARNAUD, J. (1984) – Escavações do sepulcro megalítico MV 2 (V. V. de Ficalho, Serpa). Arquivo de Beja. 2ª série, 1, pp. 67-82.
- SOUSA, A. C. (2016) – Megalitismo e Metalurgia. Os Tholoi do Centro e Sul de Portugal. In SOUSA, A.C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. – Água e Terra, Colher Sementes, Invocar a Deusa. Estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ, pp. 209-242.
- VALERA, A. C. (2010) – Gestão da Morte no 3º milénio a.C. no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. Apontamentos de Arqueologia e Património. 5, pp. 57-62.
- VALERA, A. C., ed. (2013) – Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja). Lisboa: NIA.
- VALERA, A. C.; GODINHO, R.; CLAVO, E.; BERREQUERO, F. J. M.; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2014) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010), Memórias d'Odiana, 2ª Série. 14. Edia/DRCALEN, pp. 55-73.
- VALERA, A.; NUNES, T., eds. (2020) – Vale de Barrancos 1. A necrópole de hipogeus do Neolítico (Mombeja, Beja). Lisboa: NIA/Éra Arqueologia.
- VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2013) – Contextos funerários na Periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010), Memórias d'Odiana, 2ª Série. 14. Edia/DRCALEN, pp. 83-95.
- VALÉRIO, A. (1993) – Alvito: o Espaço e os Homens (1251-1640). Subsídios para a história de uma vila alentejana. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.
- VASCONCELLOS, J. (1900) – Da Lusitânia à Bética. O Arqueólogo Português. 1ª série, 5, pp. 224-249.
- VASCONCELLOS, J. (1917) – Coisas Velhas. O Arqueólogo Português. 1ª série, 22, pp. 107-169.
- VASCONCELLOS, J. (1918) – Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve). O Arqueólogo Português. 1ª série, 23, pp. 104-138.
- VASCONCELLOS, J. (1927) – De terra em terra: excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VIANA, A. (1946) – Pelo Baixo Alentejo. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas. Arquivo de Beja. 3, 12, pp. 336.
- VILHENA, J.; INÁCIO, N. (2019) – Sondagens arqueológicas na Anta do Zambujal (CNS 5267). Dezembro 2018 – Fevereiro 2019. Relatório. Lisboa: DGPC.